



Análise da análise: quadrado semiótico e gráfico tensivo

José Américo Bezerra Saraiva*

Resumo: Neste artigo pretendemos mostrar algumas das razões que sustentam a tomada de posição de Greimas frente à Filosofia, isto é, sua recusa a entrar na discussão sem fim acerca da origem do sentido. Não lhe interessava explicar, por exemplo, o sentido último das estruturas sintáticas que criava, se inerentes ao objeto ou incrustadas no aparelho cognitivo do sujeito, mas, partindo de pressupostos epistemológicos “pouco numerosos e tão gerais quanto possíveis”, proceder à formulação de estratégias de estruturação mínima do sentido via significação. Em seguida, buscamos demonstrar que o quadrado semiótico assume papel relevante como estratégia de manipulação do sentido via significação e que o gráfico tensivo constitui-se esquematicamente um seu prolongamento, voltado para a questão exclusiva do termo complexo.

Palavras-chave: Análise, sentido, significação, quadrado semiótico, gráfico tensivo

Gostaríamos de colocar em debate o próprio procedimento da análise e promover o que poderíamos chamar, seguindo orientação de Zilberberg (2011, p. 38), de análise da análise, isto é, de um nível analítico que implicaria no mínimo uma dupla debragem objetualizante instauradora de uma instância de enunciação como lugar de arbitragem de outras análises, que, queremos crer, tem sido a vocação da semiótica greimasiana desde as suas primeiras postulações.

Para efeito de raciocínio, admitamos com Hjelmslev (1975, p. 137) que análise é a “descrição de um objeto através das dependências homogêneas de outros objetos em relação a ele e entre elas reciprocamente”.

Uma análise do conceito de análise em Hjelmslev põe-nos diante da pergunta pelas definições de *descrição*, *objeto*, *dependência* e *homogeneidade*, termos que o linguista dinamarquês propositadamente coloca no rol dos indefiníveis. Pode-se dizer que cada um desses termos suscita uma postura *meta*, de distanciamento objetivante, já que os conceitos de *descrição* e *objeto* não se forjariam no nosso imaginário narrativizante senão a partir de uma possível díade que muito se assemelha à relação entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível. Afinal, descrever não é uma atividade exclusivamente humana que se volta para um dado objeto/fenômeno visado? Eis aqui o movimento instaurador da intencionalidade fenomenológica básica com

um mínimo de adensamento semântico, pois trata-se de “descrever” (e não de sentir, por exemplo), e de “descrever” algo que se lança diante do sujeito. Portanto, o dilema entre realismo e idealismo não está superado. Pelo contrário, ele permanece vivo, desafiante, e, para não perder-se nas malhas da especulação filosófica, sempre pendular e irresoluta entre esses dois extremos, é que o linguista dinamarquês dá-se como ponto de partida uma cena mínima (sujeito e objeto), uma tarefa a realizar (descrever) e dois condicionantes (dependência e homogeneidade). Não interessa a ele discutir nem a essência do objeto do conhecimento, se realidade independente do sujeito, síntese sensorial ou pura idealidade, nem a natureza do sujeito conhecedor, se atividade enformadora ou passividade enformada, nem as miscelâneas possíveis de tudo isso.

Na verdade, Hjelmslev sente necessidade de estancar a hemorragia do sentido garantindo-lhe certa coagulação mínima capaz de torná-lo tratável cientificamente, ainda que para isso tenha que transformar em descontínuo o que apresenta uma natureza contínua, por impreciso: o sentido. Fora dessa atitude, restaria a vida, isto é, o sentido como ato referencial, cognitivo ou sensível (pouco importa a distinção nesse domínio), que nos remete, como parte integrante de uma totalidade confusa, para um ponto impreciso do contínuo, do real, da coisa-em-si, que não chegaremos a

* Docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará (UFC) e coordenador do Grupo de Estudos Semióticos (SEMIOCE) na mesma universidade. Endereço para correspondência: (jabsaraiva@gmail.com).

conhecer efetivamente senão por intermédio de sua estabilização em formas de sentido assumidas como objetos analisados a partir de um dado ponto de vista, o que equivale a dizer como objetos construídos¹.

Segundo o procedimento da análise em Hjelmslev, o objeto, uma vez descrito/analizado, constitui-se classe para outros objetos, que, em razão da mesma análise descritiva, tornam-se componentes daquela classe. Até este ponto parece tudo bem, porque os termos (descrição, análise, objeto, classe e componente) podem ser efetivamente encarados como interdefiníveis. No entanto, o mesmo não se passa com os termos *dependência* e *homogeneidade*. Aqui estamos novamente diante do vetusto dilema entre idealismo e realismo. Afinal, a homogeneidade, como uma das formas do contínuo garantidor da dependência entre classes e componentes de classes, está no sujeito, no objeto ou no ato intencional de descrição?

Poderíamos lançar mão do perspectivismo saussuriano para responder a essa pergunta, dizendo com ele, por exemplo, que, se “é o ponto de vista que cria o objeto” (Saussure, 1975, p. 15), então a homogeneidade garantidora da dependência entre o objeto e suas partes está no ato intencional de descrição. Mas a resposta não parece bastar, pois outra pergunta se impõe. A homogeneidade garantidora da dependência é condição ou resultado da análise? Duas respostas parecem satisfazer a essa pergunta. Uma, ligada, poderíamos assim dizer, à ordem do sentido, tal como esse termo aparece no *Dicionário I*, de Greimas e Courtés (2008), na qualidade de um “indefinido”, “aquilo que permite as operações de paráfrase ou transcodificação”, “aquilo que fundamenta a atividade humana enquanto intencionalidade”, “o material primeiro” ou o suporte, “graças ao qual qualquer semiótica, enquanto forma, se acha manifestada”, aquilo sobre o qual, “anteriormente à sua manifestação sob a forma de significação articulada, nada poderia ser dito (...) a não ser que se façam intervir pressupostos metafísicos carregados de sentido” (p. 456-457). Concorreria com essa primeira resposta, uma outra que, assumindo radicalmente o perspectivismo saussuriano, resolve tratar do sentido, ou da *dependência homogênea*, tomando como ponto de partida a significação. Esta segunda parece-nos ser a opção de Greimas, que coloca em bases verdadeiramente operacionais o procedimento hjelmsleviano de análise, reconhecendo, num perspectivismo radical, repetamos, que o objeto submetido à análise, antes do

procedimento criador de classes e componentes, não passa de uma promessa de unidade/identidade para a razão inquiridora, ou descritora. Coisa semelhante ocorre na constituição do objeto da percepção segundo a Fenomenologia de Husserl. Nela, o objeto é construído como idealidade sintetizadora da multiplicidade do vivido.

Vista sob o ângulo dessa racionalidade científica, a unidade/identidade, ou *homogeneidade* da *dependência*, só poderia constituir-se como um produto lógico-semântico da diferença que funda a significação. Em outras palavras, seria uma aposta descritiva que estabeleceria a identidade integradora da diferença, e essa capacidade de pressupor a identidade na unidade só pode ser atribuída ao sujeito que descreve, explicação que nos leva novamente para a questão do realismo *versus* idealismo, obrigando-nos a supor uma espécie de transcendência, agora não mais do objeto com relação ao sujeito, mas deste com relação àquele, uma transcendência do *eu*, de uma subjetividade idealizante. Greimas nunca deixou de estar consciente dessa aporia a que conduz o pensamento filosófico. Para comprovar isso, lembremos da oposição elementar entre natureza e cultura, acionada como estratégia descritiva para desviar-se daquela espinhosa questão filosófica e tornar o sentido mais operacionalizável, mediante a sua transposição discretizadora via significação. Não se pense, no entanto, que esse gesto de Greimas teve a pretensão de superar o fosso entre realismo e idealismo. Pelo contrário, sabendo que já se havia gasto muita tinta com o problema e ainda mais tinta haveria de ser gasta, Greimas, assim como Hjelmslev, deixa a questão entre parênteses e vai buscar alento na ciência para esquivar-se do tratamento muitas vezes meramente conjectural que certas correntes filosóficas lhe conferiam. Mas o assunto é recalitrante. Expulso pela porta, volta pela janela.

Há poucos anos, por exemplo, Étienne Bimbenet (2011), em *L'animal que ne suis plus*, propôs uma espécie de superação do fosso entre realismo e idealismo (metafísica, em suas palavras)² procurando esquivar-se do que julga ser os obstáculos de um e outro, para sugerir uma antropologia filosófica que, em termos sumários, reconhece no homem não apenas sua dimensão animal sustentada na intencionalidade do puro vivido, imediatamente ligada ao perspectivismo próprio da experiência concreta com o mundo das coisas reais (seja lá o que isso queira dizer), mas também

¹ Claro está que o contínuo, o real, a coisa-em-si, ou o que quer que o valha, não se constitui simples produto das formas de linguagem. Guarda certa independência com relação a elas e apresenta-se para nós, seres de linguagem, simultaneamente como exortação à discursividade e resistência ao dizer. É o que mostra Eco (1997) com a noção de “linhas de resistência” do real, inspirada no conceito espinosiano de “nervuras do real”. No entanto, claro está também que a discursividade ou o dizer, entendidos como ação do homem no mundo e entre homens, pressupõem certa estabilização do sentido em estruturas de significação, pelas quais a experiência se torna replicável e pode ser comunicada.

² Waldir Bevidas vem nos últimos anos apostando no conceito de semiocepção como possível saída do impasse entre realismo e idealismo. Sua reflexão encontra-se sistematizada no livro *La sémiologie de Saussure et la sémiotique de Greimas comme épistémologie discursive. Une troisième voie pour la connaissance* (Bevidas, 2017).

uma outra que a ela se opõe e lhe é complementar, a dimensão propriamente humana, caracterizada por uma intencionalidade que constrói, como sustentam Husserl (2001) e, com menos ênfase, Merleau-Ponty (1999), idealidades para além das perspectivas do puro vivido, uma dimensão simbólico-linguageira que nos parece ser a competência que faz do homem um ser capaz de afastar-se do puro vivido para torná-lo objeto do conhecimento.

Esse parcial afastamento do puro vivido é que facultaria ao homem tornar-se então um ser capaz de construir tais idealidades e de comunicá-las a outro homem a fim de que juntos possam, superados os perspectivismos naturais dos dados imediatos da percepção, retornar ao mundo mediante atos referenciais para nele agir conjuntamente. Ora, esse modo de ver o fenômeno humano está em perfeita consonância com as considerações de Tomasello (2003), e Bimbenet não escamoteia esse vínculo teórico. Pelo contrário, cita o pesquisador estadunidense em várias passagens de seu livro e apoia-se nas ideias de Tomasello, e de outros autores da mesma tradição teórica, para elaborar os dois capítulos finais de seu livro, intitulados: *L'attention conjointe (I): le triangle référentiel* e *L'attention conjointe (II): le partage du monde*.

De acordo com esse modo de ver, os primatas humanos, na evolução da espécie, se distinguem dos primatas não-humanos, porque aqueles compreendem seus co-específicos “como seres intencionais iguais a si próprio”, em cujas habilidades cognitivas encontra-se a de “usar muitas estratégias comunicativas e sociais para vencer outros membros do grupo na disputa por recursos valiosos” (Tomasello, 2003, p. 77). Ou seja, lançando mão da metalinguagem semiótica, pode-se dizer que os atos de conhecer e comunicar o produto do conhecimento pressupõem o afastamento objetivante característico da debreagem enunciativa. Antes de tudo, o objeto a conhecer assume o estatuto de um “ele” a ser analisado.

A nosso ver, Greimas admite ser incontornável essa debreagem enunciativa no ato de conhecer, desde o livro *Semântica estrutural* (1973 [1966]). Não é por outro motivo que ali, numa fase em que a teoria semiótica não dispunha de elementos para pensar a enunciação, ele radicaliza esse procedimento debreante necessário para a análise propondo, na etapa da normalização do *corpus*, o que chamou de “objetivação do texto”, que se constituía na eliminação de todas as categorias relacionadas à subjetividade, como pessoa, tempo, espaço e elementos fáticos em geral, com vistas à obtenção de uma totalidade homogênea a ser descrita. Eis aqui um problema da mesma cepa daquele que Hjelmslev resolve recorrendo à possibilidade de interdefinição

daqueles quatro primeiros termos: *descrição, objeto, dependência e homogeneidade*.

No que concerne especificamente à *homogeneidade*, da qual “depende” a *dependência*, ressalte-se apenas que para Greimas ela não é um dado *a priori*, mas construída pelo analista. Não podemos deixar escapar à observação o fato de que nesse momento mesmo da descrição já se lida com uma diferença elementar entre subjetividade e objetividade. Como tentar eliminar as marcas de uma delas do texto se não se dispõe de uma conceituação (idealizante) mínima do que ela venha a ser? Desde o princípio, parece-nos, Greimas lida com estruturas elementares de significação e, para ele, os termos opostos são concebidos, ou percebidos, como diferenças antes mesmo de qualquer ação homogeneizante que lhes forneça o termo complexo que os subsuma e reúna. Afinal, se, como diz o mestre lituano, “a percepção é este lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação” (1973, p. 15), e a significação é antes de tudo algo da ordem do descontínuo, da diferença, não haveria suficiente razão para separar os modos de apreensão, humano e animal, do mundo. Ambos procederiam da mesma maneira. E é exatamente o que parece acontecer se se considerar apenas a pura percepção. No entanto, a observação do fenômeno humano permite lançar, sim, a hipótese fenomenológica de que o acento da distinção entre o comportamento humano e animal deve ser colocado no fato de o homem ser capaz de realizar sínteses que suplantam as diferenças captadas na e pela percepção e que, *pari passu*, se organizam em sistemas de significação tornando a experiência algo replicável e comunicável. Dessa forma, estariam dadas as condições mínimas necessárias para que o homem se tornasse competente para enxergar no seu co-específico um ser intencional igual a si próprio, capaz de atenção conjunta, como asseveram os já citados Tomasello e Bimbenet.

Poderíamos aqui avançar um pouco o passo e dizer que aquela atitude homogeneizante, que, em termos semióticos, não poderia desvincular-se de uma debreagem enunciativa inaugural, primeira parada na continuidade do “real”, “esquiza” criadora do objeto, é que estaria então, segundo Tomasello e Bimbenet, na origem do propriamente humano. Inclusive, é assim que gostaríamos de interpretar a seguinte frase de Greimas (1974, p. 19): “o *ele*, que é denegrido do ponto de vista da criatividade, é talvez, ao lado do cavalo, uma das grandes conquistas do homem”³. Cremos que esse afastamento objetivante, em maior ou menor grau, está na origem da mediação linguageira entre o animal que o homem era e o mundo do animal que o homem não é mais, pois tanto o cavalo, figura da instrumentalização do natural, quanto o “ele” viabilizam

³ Tradução nossa para o trecho original: “[...] le *il* qui est dénigré du point de vue de la créativité, est peut-être à côté du cheval une des grandes conquêtes de l’homme”.

o despregar-se do homem da pura animalidade. Em outras palavras, parece haver aqui uma alternativa radical: ou bem se vive mergulhado no mundo dos sentidos transpondo-os em novos sentidos, ou bem se promove um afastamento objetivante, maior ainda que aquele que promove a síntese do múltiplo da percepção selvagem, para tornar possível a reflexão sobre o sentido, transpondo-o em estruturas de significação mediante certas coerções teórico-metodológicas.

A nosso ver, um afastamento ainda mais radical pode ser encontrado na obra do filósofo Paul Ricoeur e na sua visada hermenêutico-fenomenológica, com o inconveniente de que esse afastamento superdimensiona a subjetividade em detrimento da objetividade, tudo o que Greimas busca evitar, isto é, a inflação da subjetividade. Lembremos que, em *O conflito das interpretações*, por exemplo, Ricoeur (1989) investe no diálogo entre a hermenêutica e as abordagens estruturalista, psicanalítica, fenomenológica e religiosa do sentido para precaver-se contra o hábito da excessiva psicologização no ato de interpretar, procurando dotá-lo de algum rigor epistemológico.

No que diz respeito ao Estruturalismo, interessavam a Ricoeur as formulações que apontavam para a possibilidade de um tratamento mais objetivante do sentido nos textos. O filósofo francês, diga-se logo, não demonstra ter a preocupação preponderantemente metodológica de Greimas, cuja pesquisa deixou-se sempre pautar pela procura de um método adequado para a lida com o sentido, evitando nessa busca todo e qualquer compromisso com questões de natureza ontológica.

Na realidade, Ricoeur busca fazer o ato de interpretar partir de bases mais seguras, recorrendo para isso às contribuições teórico-metodológicas da linguística e da semântica, sem, no entanto, eleger a cientificidade como o principal parâmetro para balizar os processos de interpretação. Para o filósofo, a objetividade científica, à qual nunca poupou críticas, constitui-se caminho necessário para conferir algum rigor ao estudo do sentido, mas deve ser ultrapassada como mais um dentre outros modos de coerção do ato de interpretar. As diversas interpretações examinadas por ele decorreriam assim de um jogo perspectivante do qual sobrelevar-se-ia uma subjetividade soberana que escaparia a todas as coerções ao apostar, ou crer, no puro compreender.

Como se vê, Ricoeur (1989) assume o compromisso ontológico com o compreender e o sujeito do compreender, mas, ao contrário de Heidegger, resguardando-se da súbita entrada na questão do *Dasein* do conhecer assumido como única evidência ontológica e ponto de partida para toda reflexão possível sobre o sentido. Assim como Bimbenet (2011), o autor de *O conflito das interpretações* se abre para o diálogo com a ciência. Como se sabe, sempre foi o desejo de Ricoeur assumir

o que ele chama de “via longa” para a ontologia do conhecer, isto é, a via que busca refletir sobre os métodos de interpretação elaborados a partir de diversas visadas, a estrutural-arqueológica, a fenomenológica-teleológica e a religiosa-escatológica, em cuja dialética ele crê poder anunciar-se “uma estrutura ontológica susceptível de reunir as interpretações discordantes no plano linguístico” (1989, p. 25). Pensar assim é crer possível um lugar de arbitragem enunciativa cujos sujeitos estariam envolvidos num processo sem fim, sempre recomeçado, de interpretação/revelação ontológica do homem e de seu mundo. Conhecedor da inevitabilidade da criação desse lugar de arbitragem no processo contínuo da semiose, que, de transposição em transposição, sempre levaria a outro lugar, Greimas assim se expressa, para estabelecer um limite prático-operacional.

Mas uma semântica que parte desta verificação da onipresença da significação só pode ser confundida com a teoria do conhecimento ou procurar ou suplementá-la ou submeter-se a uma certa epistemologia. Esta situação desconfortável foi bem observada por Hjelmslev que, após tê-la assinalado como destino de qualquer ciência, e não somente da linguística, aconselhava a aceitarmos-lo resignadamente, mas limitando seus eventuais prejuízos. Os pressupostos epistemológicos devem ser, consequentemente, tão pouco numerosos e tão gerais quanto possíveis. (Greimas, 1973, p. 15)

Tal é uma das funções da presença hjelmsleviana na obra de Greimas, ou seja, mostrar como manter-se num nível de análise cujo objeto seja a própria análise, em estratos *meta*. Trata-se do que o linguista dinamarquês denomina *metasemiótica científica*, uma espécie de instância de controle das potenciais conotações envolvidas em todo processo de transposição do sentido. Só assim, e Greimas o compreendeu bem, poder-se-ia pensar num projeto coletivo de vocação científica. Nesses termos, o sentido, ao mesmo tempo resistente e dócil à sua apreensão, apresentar-se-ia como objeto controlável e, por isso, conhecível, para uma comunidade de cientistas.

Gostaríamos de generalizar essa postura. Acreditamos que Greimas, mesmo quando em *Da imperfeição* (2002 [1987]) vai tratar do contínuo e do estético, não abandona seu posto de observador que descreve e que, para descrever, precisa categorizar e, consequentemente, deve partir do descontínuo. Fora disso, para ele, queremos crer, é a vida que se impõe como sentido absoluto ou como absoluta falta de sentido. E Greimas não faz, a nosso ver, senão radicalizar a diferença entre o puro vivido, indizível ou invisível, e o pensamento/conhecimento sobre o vivido. Noutros termos, o vivido só pode ser apreendido pela intervenção mediadora e discretizadora da linguagem, único meio capaz de fixar a experiência para uso em experiências posteriores, por um ato de afastamento criador do “ele”, pela debreagem enunciativa, a “esquiza” inaugural,

primeira parada na continuação do Ser. Do ponto de vista do vivido, do sensível, ou do contínuo, o sabor da eternidade e o ressaibo da imperfeição permanecem como resíduos da perfeição ou, seguindo a sugestão da passagem de Greimas transcrita abaixo:

Querer dizer o indizível, pintar o invisível: provas de que a coisa, única, adveio, que outra coisa seja talvez possível. Nostalgias e esperas alimentam o imaginário cujas formas, murchas ou desabrochadas, substituem a vida: a imperfeição, desviante, cumpre assim, em parte, seu papel.

Vãs tentativas de submeter o cotidiano ou dele esvair-se: busca do inesperado que foge. E, todavia, os valores ditos estéticos são os únicos próprios, os únicos que, rejeitando toda negatividade, nos arremessam para o alto. A imperfeição aparece como um trampolim que nos projeta da insignificância em direção ao sentido.

O que resta? A inocência: sonho de um retorno às nascentes quando o homem e o mundo constituíam um só numa pancália original. Ou a vigilante espera de uma estesia única, de um deslumbramento ante o qual não nos encontraríamos obrigados a fechar as pálpebras. Mehr Licht! (Greimas, 2002, p. 91)

como desejo de retorno às nascentes do sentido ou como espera pela estesia única do sentido absoluto, numa espécie de pulsão de morte freudiana, dos quais não estamos aptos a falar senão por via indireta, isto é, como negação da dualidade fundadora do humano, como negação da primeira parada, ou negação da primeira negação que gerou o duplo, gerou o mundo humano, gerou a vida humana, como busca de sentido a ser concluída apenas na culminância de uma unidade integradora, unidade essa que, quando exclusivamente vivida, dispensa a mediação da linguagem, e, quando tornada linguagem, não é mais exclusivamente vivida. Perguntamos: pode separar-se o homem de sua linguagem? Transcrevamos aqui uma passagem de Luiz Tatit (1997), que dá expressão primorosa a essa ideia quando se ocupa do conceito de corpo, como um simulacro teórico do nível tensivo do percurso gerativo do sentido:

O nível tensivo aparece então como lugar de sensibilização pré-cognitiva ao qual o sujeito recorre quando estimulado por uma ocorrência extraordinária que rompe o seu cotidiano. A principal característica é a continuidade plena e, portanto, a ausência de direcionalidade, intencionalidade, causalidade, finalidade etc. Não há solução de continuidade entre o homem e o mundo e,

diante de tal harmonia, nem o Sentido faz sentido. Trata-se, evidentemente, de um limite ontológico distante das aspirações operacionais da semiótica mas necessário às indagações sobre seus pressupostos epistemológicos. (Tatit, 1997, p. 40-41)

Se se aceita a premissa de que a semiótica greimasiana não aspira dizer o que é o sentido, mas investe na sua operacionalização procurando transpô-lo em estruturas de significação à luz do princípio do empirismo, como pensamos ser o caso para Greimas, então convém admitir que o projeto semiótico parte mesmo é do descontínuo para o contínuo, do percebido para a percepção, do manifestante para o manifestado, da significação para o sentido, muito embora pareça acontecer exatamente o contrário do ponto de vista ontológico. Ou seja, o projeto greimasiano é um projeto de racionalização do sentido, um projeto que cria modos de sua descontinuação, que investe em procedimentos geradores de estruturas elementares de significação, de esquemas narrativos, de estruturas discursivas etc. Tal como ocorre com seus predecessores, Saussure e Hjelmslev, a “pesquisa de método” de Greimas (1973) parece pressupor a fundação da humanidade no homem pela linguagem/pensamento, o que o inscreveria na tradição da Fenomenologia inaugurada por Husserl, via Merleau-Ponty, em quem o mestre semiótico se apoia para definir a percepção como, repitamos, “o lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação”.

Greimas então visa, como se disse, a elaborar estratégias de transposição do sentido cientificamente orientadas, ou seja, assume, de saída, a visada idealizante de sua atividade, o caráter racionalizante do seu fazer⁴ e, por isso, não estaria distante de Bimbenet (2011), que assim se expressa sobre a faculdade que distingue o homem do animal:

É finalmente uma capacidade idealizante, antes que cognitiva, que caracteriza nossa relação com o mundo. Estamos no mundo por uma atitude idealizante, no sentido preciso que Husserl dá às palavras “idealidade” e “*eidos*”, de onde deriva a famosa “*eidética*”: “unidade na multiplicidade”, “identidade como correlato de uma repetição aberta e sem fim”, em suma: capacidade de visar o mesmo, em atos de consciência indefinidamente repetível e empiricamente diverso. (Bimbenet, 2011, p. 219-220)⁵

O fato de Greimas e Courtés (2008) não conjecturarem sobre o sentido último das estruturas sintáticas

⁴ Para constatar o que se diz aqui, basta lembrar que o título dos dois dicionários de semiótica (1979 e 1986) contém o qualificativo “raisonné”, indicio de seu pertencimento à tradição filosófica do pensamento racionalista.

⁵ Tradução nossa para o trecho original: “C’est finalement une capacité idéalisante, plutôt que cognitive, qui caractérise notre rapport au monde. Nous sommes au monde par une attitude idéalisante, au sens précis que Husserl donne aux mots “*idéalité*” ou “*eidos*”, d’où dérive la fameuse “*eidétique*”: “*unité dans la multiplicité*”, “*identité comme corrélat d’une répétition ouverte et sans fin*”, bref: capacité de viser le même, dans des actes de conscience indéfiniment répétables et empiriquement divers”.

⁶ Bevidas (2017) questiona esse posicionamento de Greimas e Courtés mostrando o impasse assim criado: “O problema persiste então, inscrito num círculo vicioso: o filósofo em geral põe em cena a finura de seu pensamento sobre uma *filosofia do sentido*, mas tem compreensão da linguagem que não lhe faz jus [...] O linguista, por sua vez, tem destreza de conhecimento do âmago da língua, mas falta-lhe instrumentos de transposição para a ordem filosófica das coisas”. [Tradução nossa para o trecho original: “Le problème persiste donc, inscrit dans un cercle vicieux : le philosophe met généralement en scène la finesse de sa pensée pour une philosophie du sens, mais sa compréhension du langage le désavantage [...]. Le linguiste, pour sa part, fait preuve d’une certaine aisance dans la connaissance de

que criam⁶, se inerentes ao objeto ou incrustadas no aparelho cognitivo do sujeito, parece atender a prudência de quem quer partir de pressupostos epistemológicos “pouco numerosos e tão gerais quanto possíveis” para logo proceder à formulação de estratégias de estruturação mínima do sentido via significação, isto é, um modo básico e simples de categorização do objeto mediante sua análise, tornando-o assim manipulável

pelo sujeito da ciência. Essa forma básica conhece os seus primeiros desenvolvimentos no livro *Semântica estrutural*, mas ganha sua feição mais acabada num artigo publicado por Greimas e Rastier no ano de 1968, que depois integrará o volume *Sobre o sentido: ensaios semióticos* (1975 [1970]). Falamos do quadrado semiótico.



1 Do quadrado semiótico para o gráfico tensivo

Sabe-se que o quadrado semiótico funciona basicamente como estratégia de geração de um primeiro nível de categorias relacionadas por contrariedade, contraditoriedade e complementaridade. Sua concepção funda-se na diferença instauradora da oposição entre os contrários, que, reunidos num outro nível de análise, são tomados como complexo, assim como a

reunião dos contraditórios origina o neutro e a reunião de um dos contraditórios com um dos contrários, os complementares⁷. Como se trata de um instrumento de análise, as operações que põem os termos em relação podem ser repetidas de modo que o termo complexo de um quadrado semiótico venha a tornar-se um dos termos contrários de um segundo quadrado, assim como um dos termos contrários pode ser tomado como termo complexo de um terceiro quadrado, e assim segue (cf. Figura 1).

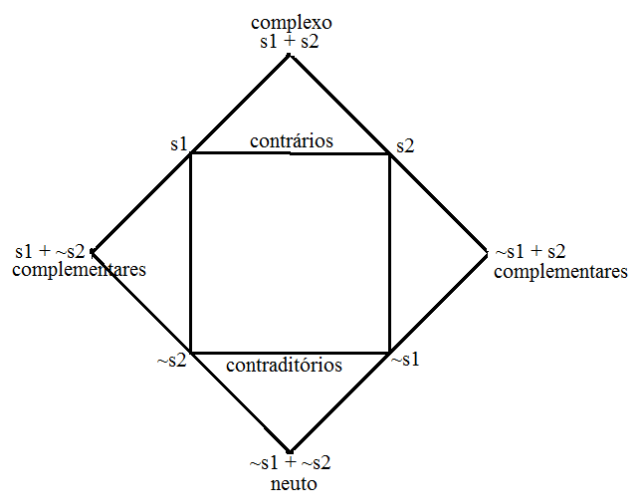


Figura 1

l'âme de la langue, ais les instruments de transposition vers l'ordre philosophique des choses lui font défaut" (p. 17-18)]. As ponderações de Beividas aparecem em boa hora para a comunidade dos semioticistas, pois elas evidenciam a necessidade de uma tomada de posição filosoficamente embasada, mesmo que seja para mostrar por que a semiótica deve separar-se da filosofia como modo de abordagem do sentido.

⁷ São conhecidas as críticas dos lógicos às incoerências do quadrado semiótico, sobretudo a de que a negação de um termo não implica o retorno de seu contrário, mas remete para fora da estrutura de significação. No entanto, Greimas e Rastier não se postam no terreno exclusivo da Lógica Formal quando elaboram o quadrado semiótico. Na verdade, têm em vista a tendência semântica de construir-se identidades de sentido pelo fechamento das estruturas de significação. Uma discussão pormenorizada do assunto pode ser encontrada em Frédéric Nef (1976).

Pensamos que o modo como o quadrado faz o sentido ser, articulando-o em oposições simples a partir das quais outros termos são forjados, inclusive o complexo, não fere o primado da percepção merleau-pontiana assumido por Greimas e está em consonância com o que diz Ricoeur e Bimbenet. No entanto, ao contrário desses filósofos, o mestre lituano, seguindo a lição de Hjelmslev, evita embrenhar-se em considerações sobre as origens do “sentido” para contornar os pressupostos metafísicos carregados de “sentido” que entrariam em cena.

De acordo com esse modo de ver, o sentido seria basicamente direção, movimento instaurador da intencionalidade, simultaneamente constitutivo do sujeito e do objeto. Mas é preciso perceber que intencionalidade, sujeito e objeto nada seriam, antes de uma análise. O fenômeno perspectivado por um afastamento idealizante, e aqui razão seja dada a Husserl, Ricoeur e Bimbenet, torna-se objeto aos olhos de um sujeito, inaugurando-se a díade do sentido que o conceito de intencionalidade procura explicar. É então a partir de uma estrutura mínima de termos opostos, sujeito e objeto, percebidos antes mesmo de pensados, que se pode conceber o conceito de intencionalidade como liame fundador da díade. Assim entendido, o termo que correlaciona diferenças, que instaura a identidade, que reúne os contrários, que explica a díade, ou que fornece a *dependência homogênea*, seria gerado a partir da diferença percebida, mediante nova análise. Procedimento bem hjelmsleviano, esse. Expliquemos.

Admitamos que a partir da percepção uma diferença mínima se institui, sujeito e objeto. Adepto do perspectivismo saussuriano, Hjelmslev não se ocupa diretamente desse tema. Assume desde a partida uma postura epistemológica segundo a qual há objetos que podem ser descritos a partir de diferentes pontos de vista. O objeto, para Hjelmslev, seria, antes de toda análise, qualificável como objeto para um dado ponto de vista, e o ponto de vista, por sua vez, seria identificável pelo objeto que ele, ponto de vista, constrói para si. Portanto, eis a díade novamente aqui. Parece-nos que ela, ou melhor dizendo, o princípio que ela evoca, a descontinuação do contínuo, é incontornável para qualquer tentativa de apreensão racional do fenômeno. Se a hipótese se confirma, então o termo complexo do quadrado semiótico é sempre um construto teórico decorrente da análise da análise, ou seja, é um sema assumido como comum aos termos contrários e erigido àquela condição. Com efeito, a identificação do objeto submetido à análise só é possível em duas situações. Ou bem ele se (inter)define pela relação que mantém com o ponto de vista que o constrói ou bem ele se define pela primeira análise geradora das diferenças que ele subsume, mediante nova análise. Nos dois casos, sua identificação decorre da descontinuação categorizadora do contínuo. Em suma, a nosso ver, o

fato de o homem ser capaz de imaginar a existência de um contínuo originário, ontologicamente autossustentável, uma espécie de “pancália geral”, mais prova a sua imanência com relação à linguagem enformadora e discretizante do que o liberta dela.

É assim que pensamos também o gráfico tensivo proposto por Fontanille e Zilberberg (2001). O conceito de *tensividade*, por exemplo, tem como base a oposição entre os termos contrários *intensidade* e *extensidade*. É uma díade que motiva sua concepção teórica. No livro *Semiótica das paixões* (1993), por sua vez, a oposição se dá entre *estados de coisa* e *estados de alma*, sendo a *tensividade fórica* um terceiro conceito pensado para os subsumir, como liame explicativo da oposição.

O processo então assume direção inversa. A admissão da diferença entre *estados de coisa* e *estados de alma* é que viabiliza a postulação de uma identidade conceitual superior denominada *tensividade fórica*, e só a partir desse ponto é que se pode falar de *dependência homogênea*, como elemento garantidor das relações entre classe e componentes. Cumpre lembrar que, antes da análise, não existem classes nem componentes, existe somente um objeto impreciso, apenas definível em função de um dado ponto de vista. Portanto, antes da análise, não há razão para postular qualquer *dependência homogênea*. É a análise que a cria. Se assim for, o ponto de vista, mais do que determinar o objeto, determina mesmo é o modo da sua análise, ou seja, os procedimentos analíticos que o constroem.

O mesmo se passa com o conceito de *tensividade* em Zilberberg (2011), cujo esquema abaixo representado pode fazer parecer que a análise progride da identificação do objeto *tensividade* para seus componentes *intensidade* e *extensidade* (cf. Figura 2).

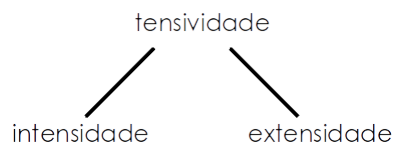


Figura 2

Não poderia haver equívoco maior para quem acompanha de perto as ideias de Zilberberg. Na verdade, a *tensividade* é um valor, e valor, para ele, é produto valencial. O esquema abaixo é mostra clara do seu pensamento.

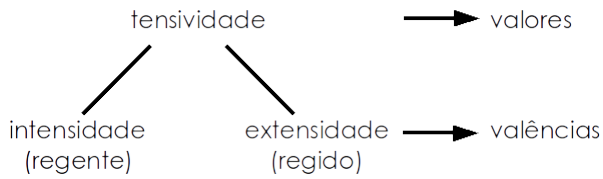


Figura 3: Extraído de Zilberberg, 2011, p. 66.

Como se vê, a oposição de base entre os contrários *intensidade* e *extensidade* dá origem à *tensividade*. Não estaríamos equivocados ao dizer que Zilberberg ainda prioriza a oposição, tal como Greimas, mas confere tratamento diverso, optando por pensar o termo complexo sem passar pelas negações geradoras dos contraditórios. Acompanhemos isso por meio de gráficos.

Pense-se no quadrado semiótico inscrito no gráfico tensivo, como segue (cf. Figura 4).

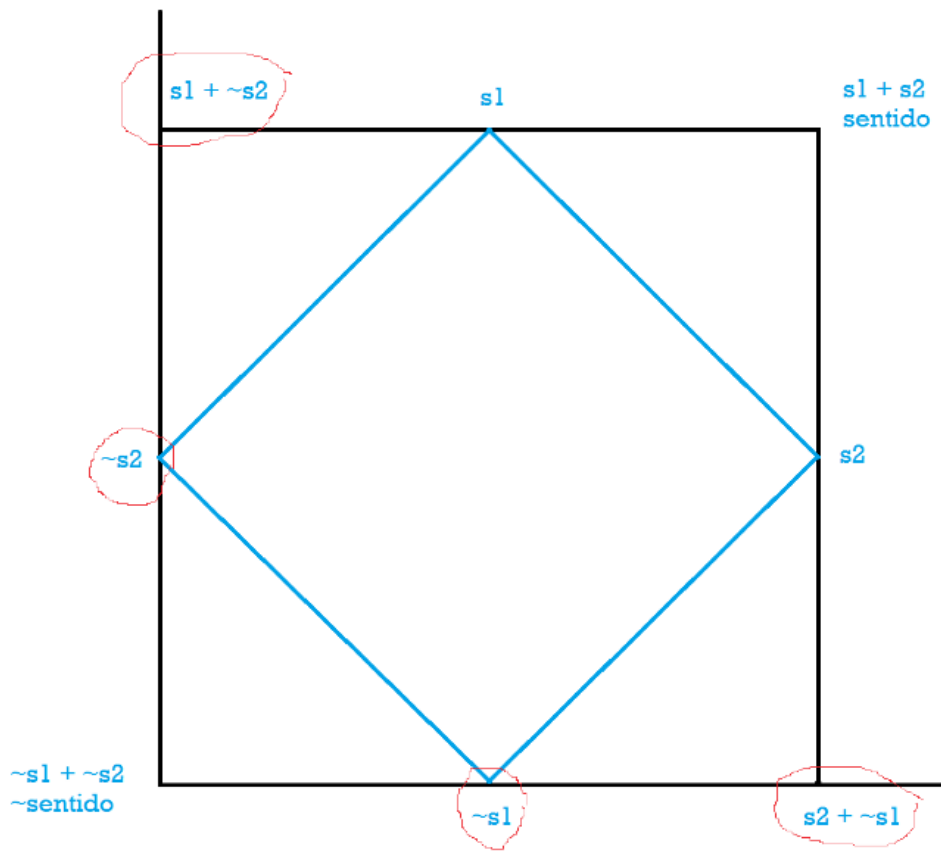


Figura 4

Como, segundo o raciocínio de Zilberberg, todo ponto de negação, gerador do contraditório, deve ser evitado para que se possa pensar o complexo a partir da presença dos contrários, os pontos do quadrado semiótico circunscritos em vermelho na *figura 4* não pertenceriam à ordem/classe da tensividade, porque representam a ausência de um dos contrários. A eliminação desses pontos implica, no gráfico tensivo, a impossibilidade de o valor ser fundado apenas na ordenada ou na abscissa. Com isso, resta a área interna ao gráfico como possibilidade de exploração para o fenômeno da tensividade.

Se agora fizermos a projeção dos termos complexo ($s1 + s2$) e neutro ($\sim s1 + \sim s2$), e chamarmos de eixo do sentido o percurso que leva de um a outro pelo simples fato de que um contrário não se opõe à presença do outro e, ao mesmo tempo, procedermos à projeção dos complementares ($s1 + \sim s2$ e $s2 + \sim s1$), e chamarmos de eixo da significação o percurso que vai de um a outro, porque eles não deixam de operar com a oposição, veremos que se delineiam duas zonas internas ao gráfico tensivo: uma, em verde, que se fecha numa estrutura de significação, e outra, em vermelho, que oscila ente o sentido e o não-sentido (cf. Figura 5).

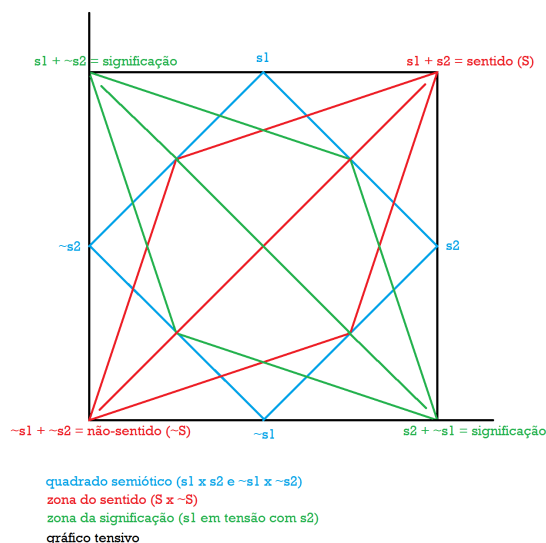


Figura 5

Como se sabe, Zilberberg explora preferencialmente a zona da significação, ou seja, a zona das chamadas correlações inversas, em que o aumento de uma grandeza envolvida na oposição implica a redução da outra, e vice-versa, e o faz, queremos crer, não somente porque a considera mais produtiva, como declara no livro *Tensão e significação* (2001), escrito em parceria com Jacques Fontanille, mas principalmente porque

a correlação conversa tende a anular a estrutura de significação pela negação ou afirmação simultânea dos opostos⁸.

Dando prosseguimento ao exercício de inscrição do quadrado semiótico no gráfico tensivo para extrair dele algumas consequências lógico-semânticas, podemos agora imaginar a Figura 6.

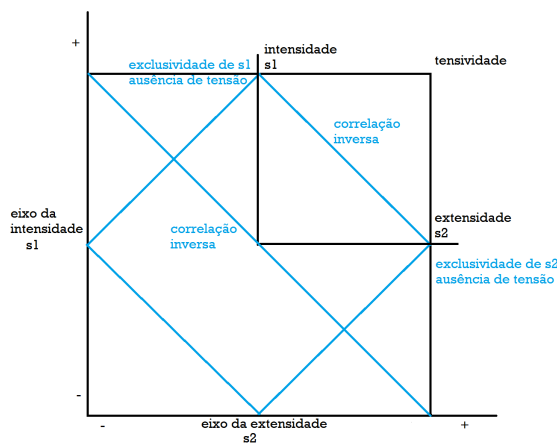


Figura 6

Nela (Figura 6), o ponto $s1$ do quadrado é chamado de *intensidade*, e o ponto $s2$, de *extensidade*. A presença de ambos gera o termo complexo ($s1 + s2$), que recebe a designação *tensividade*. Numa observação

atenta, percebe-se que o segmento de reta ligando $s1$ a $s2$ pode ser encarado simultaneamente como eixo dos contrários no quadrado semiótico e como registro da correlação inversa no pequeno gráfico tensivo que se

⁸ Jacques Fontanille, que divide a autoria do clássico *Tensão e significação* com Zilberberg, tem no entanto utilizado com algum sucesso tanto as correlações inversas quanto as correlações conversas em muitos de seus trabalhos posteriores àquela publicação. Conferir: *Pratiques sémiotiques* (2008), *Corps et sens* (2012) e *Formes de vie* (2015).

inicia no centro do quadrado semiótico. Por projeção, as duas semirretas do pequeno gráfico tensivo receberiam as designações s1 e s2. Percebamos agora outro detalhe. Paralelo ao segmento de reta ligando s1 e s2, existe um segmento de reta mais longo delineando o centro da zona de correlação inversa do gráfico tensivo maior. Não é difícil imaginar que esse segmento

de reta mais longo poderia constituir um dos lados de um quadrado semiótico em que ele, segmento de reta mais longo, representaria o eixo dos contrários. Se assim for, então o termo complexo desse segundo eixo de contrários continuaria a ser a tensividade, o que nos autorizaria a realizar nova projeção, e assim sucessivamente, tal como demonstra a Figura 7.

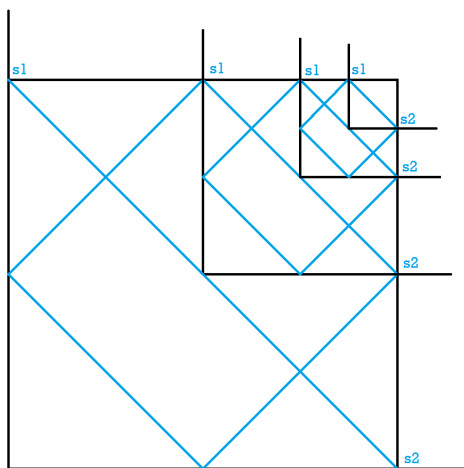


Figura 7

A figura 7 mostra que cada segmento de reta que registra a zona de correlação inversa de um dado gráfico tensivo pode ser interpretado como eixo dos contrários de um quadrado semiótico e que cada termo contrário do quadrado pode constituir-se gradiente de um gráfico tensivo, tanto numa direção quanto na outra. No entanto, do ponto de vista da postulação da estrutura mínima da significação, seria equivocado supor que as duas formas de representação são independentes e têm igual valor heurístico. Na verdade, diríamos que o gráfico tensivo não pode prescindir do quadrado semiótico, sobretudo da oposição entre os contrários que o fundamenta.

Palavras finais

As considerações que aqui fizemos tem como objetivo precípua mostrar que o gesto greimasiano de desviar-se das conjecturas filosóficas acerca da origem do sentido decorre de uma tomada de posição bem fundamentada cujo propósito é voltar-se para a construção de um método que lhe permita tratar do sentido, sim, mas do sentido manifestado em estruturas de significação, ou seja, do sentido captável em estruturas de linguagem cujo estatuto de existência só pode ser o da descontinuidade enformadora. Essa tomada de posição constitui, na verdade, uma renúncia

ao pensamento filosófico, que, por dever de ofício, deve enfrentar a espinhosa questão do Ser, e de seu fundamento último. Greimas, nesse ponto, parece escolher um caminho mais longo ainda do que aquele trilhado por Ricoeur, pois, seguindo a lição de Hjelmslev, evita sair do domínio da linguagem e investe na elaboração de um método de pesquisa para esse domínio. E o postulado básico que o orienta desde o início é o de que sobre o sentido nada de relevante se pode dizer senão pela sua transposição em estruturas de significação. Assumido esse ponto de vista, a tarefa passou a ser a de elaborar estratégias de transposição do sentido cientificamente orientadas. O quadrado semiótico surge então como um instrumento dos mais eficientes para pensar não apenas os textos que caíam nas malhas da análise, mas também a própria teoria que a animava.

Ensaíamos mostrar também, pela comparação do quadrado semiótico com o gráfico tensivo, que a Semiótica Tensiva constitui menos uma ruptura com a Semiótica greimasiana do que um seu prolongamento, sobretudo se considerarmos que o ponto de partida de ambas, como não poderia deixar de ser, está na percepção de diferenças, que, por sua vez, se erigem em significação. Ora, o que são os gradientes valenciais senão diferenças, valores envolvidos na constituição do valor? A originalidade está no modo de seu tratamento. O maior mérito da Semiótica Tensiva parece-nos estar

muito bem cifrado na frase com que Beividas (2017) dedica sua tese de livre-docência a Zilberbeg: “este estudo é dedicado a uma pessoa, cuja existência e pensamento fazem o inteligível ser mais sensível ao sensível humano do mundo”⁹. ●

Referências

- Beividas, Waldir
2017. *La sémiologie de Saussure et la sémiotique de Greimas comme épistémologie discursive*. Une troisième voie pour la connaissance. Limoges: Lambert-Lucas.
- Bimbenet, Étienne
2011. *L'animal que je ne suis plus*. Paris: Gallimard.
- Eco, Umberto
1997. Kant e o ornitorrinco. Trad. Ana Tereza B. Vieira. Rio de Janeiro: Record.
- Fontanille, Jacques
2008. *Pratiques Sémiotiques*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Fontanille, Jacques
2012. *Corps et Sens*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Fontanille, Jacques
2015. *Formes de vie*. Liège: Presses Universitaires de Liège.
- Fontanille, Jacques; Zilberberg, Claude
2001. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP.
- Greimas, Algirdas Julien
1973. *Semântica estrutural*. Trad. Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- Greimas, Algirdas Julien
1975. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Trad. Ana Cristina Cruz Cesar e outros. Petrópolis: Vozes.
- Greimas, Algirdas Julien
1974. L'énonciation. *Significação*. Revista brasileira de semiótica. Ribeirão Preto: Centro de estudos semióticos A. J. Greimas.
- Greimas, Algirdas Julien
2002. *Da imperfeição*. Trad. Ana Paula Oliveira. São Paulo: Hacker.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph
2008. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima e outros. São Paulo: Contexto.
- Greimas, Algirdas Julien; Fontanille, Jacques
1993. *Semiótica das paixões: dos estados de coisa aos estados de alma*. Trad. Maria José Rodrigues Coracine. São Paulo: Ática.
- Hjelmslev, Louis
1975. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva.
- Husserl, Edmund
2001. *Meditações cartesianas*. Trad. Frank de Oliveira. São Paulo: Madras.
- Merleau-Ponty, Maurice
1999. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes.
- Nef, Frédéric
1976. *Structures élémentaires de la signification*. Bruxelles: Complexe.
- Ricoeur, Paul
1989. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Trad. M. F. Sá Correia. São Paulo: Rés.
- Saussure, Ferdinand de
1975. *Curso de linguística geral*. Trad. José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- Tatit, Luiz
1997. *Musicando a semiótica: ensaios*. São Paulo: Annablume.
- Tomasello, Michael
2003. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.
- Zilberberg, Claude
2011. *Elementos de semiótica tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial.

⁹ Tradução nossa para o trecho original: “Cette étude est dédiée à une personne, dont l'existence et la pensée rendent l'intelligible plus sensible au sensible humain du monde : à Claude Zilberberg.” (Beividas, 2017)

Dados para indexação em língua estrangeira

Saraiva, José Américo Bezerra

Analysis of the analysis: semiotic square and tensive graphic

Estudos Semióticos, vol. 13, n. 2 (2017)

ISSN 1980-4016

Abstract: *In this article we intend to show some of the reasons that support Greimas' position on Philosophy, that is, his refusal to enter the endless discussion about the origin of meaning. He was not interested, for example, in explaining the ultimate meaning of the syntactic structures that he created, whether they were inherent in the object or embedded in the cognitive apparatus of the subject, but, starting from epistemological assumptions "few and as general as possible", he was interested in proceeding with the formulation of strategies of minimum structuring through signification. Then, we aim to show that the semiotic square assumes a relevant role as a strategy of manipulation of meaning via signification and that the tensive graph is schematically an extension to the exclusive issue of the term complex.*

Keywords: *Analysis ; meaning ; signification ; semiotic square ; tensive graphic*

Como citar este artigo

SARAIVA, José Américo Bezerra. Análise da análise: quadrado semiótico e gráfico tensivo. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 13, n. 2 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2017, p. 77-87. Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 06/09/2017

Data de sua aprovação: 03/11/2017
